



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

ALDILEDIE GABRIEL DO NASCIMENTO

MEMÓRIAS DA TRAJETÓRIA EDUCACIONAL:
VIVÊNCIAS E APRENDIZAGENS

CAMPINA GRANDE-PB

SETEMBRO DE 2014

ALDILEIDE GABRIEL DO NASCIMENTO

MEMÓRIAS DA TRAJETÓRIA EDUCACIONAL:
VIVÊNCIAS E APRENDIZAGENS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a integralização do Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, sob a orientação da professora Maria Gorete de Medeiros.

Maria Gorete de Medeiros

Orientadora

CAMPINA GRANDE – PB

SETEMBRO DE 2014

ALDILEIDE GABRIEL DO NASCIMENTO

MEMÓRIAS DA TRAJETÓRIA EDUCACIONAL:
VIVÊNCIAS E APRENDIZAGENS

Aprovada em: ____/____/____

Média final: _____

EXAMINADORA:

MARIA GORETE DE MEDEIROS

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pois sem Ele eu não seria quem hoje sou. Dedico aos meus pais, Claudete Gabriel e Severino Marinho, a quem me deu a vida pela graça de Deus e as minhas irmãs que sempre se fizeram presente em minha vida, mesmo na ausência.

AGRADECIMENTOS

Ao meu fiel, amado e melhor amigo Deus, que me deu força, coragem, saúde e ânimo para continuar e superar todas as dificuldades.

A Claudete Gabriel, pessoa mais importante da minha vida. Pelo seu amor, dedicação, cuidado, incentivo, ajuda financeira, compreensão e palavras de ânimo e conforto.

Ao meu pai, Severino Marinho, pessoa que amo e agradeço a Deus pela sua existência.

À minha irmã Adilsa e meu cunhado Gerson que me incentivaram a prestar vestibular e continuar meus estudos após seis anos fora do ambiente escolar e por terem aberto as portas de sua casa para me acolher.

Às amadas irmãs, Aldinete, Adilma, Adilsa, Aldilene, Aucilene e Alcineide, pelo cuidado, preocupação, ajuda financeira, apoio nos momentos difíceis. Presentes de Deus na minha vida.

À minha amada avó Erundina (em memória), pelo seu amor, carinho e paciência.

A todos da minha família que estiveram presente na minha vida durante toda minha trajetória acadêmica.

Aos meus sobrinhos Lucas, Alberto, Guilherme e Samuel, pela compreensão e carinho.

Ao meu namorado Wilson Gomes pelo incentivo e compreensão.

Aos meus cunhados Antônio, Gerson e Silvio, pelas palavras de apoio e confiança.

A esta Universidade, seu corpo docente, direção, administração e demais envolvidos neste processo, pela oportunidade que me foi concebida.

Às minhas orientadoras, pelas correções, paciência, dedicação, aprendizagem e palavras de apoio.

À Maria Gorete de Medeiros, orientadora e mediadora de conhecimentos, pelo seu afeto, dedicação, compromisso e ensinamentos.

Aos meus colegas e amigos, pela compreensão dos momentos em que me ausentei.

Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas graças a Deus, não sou o que eu era antes.

(Martin Luther King)

Lista de Siglas

EMEEA (Escola Municipal de Educação Especial de Aroeiras)

EMSGB (Escola Municipal de Surdos de Gado Bravo)

LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais)

PPC (Projeto Político do Curso)

PROBEX (Programa de Bolsas de Extensão)

UFCG (Universidade Federal de Campina Grande)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. MEMÓRIAS DA TRAJETÓRIA EDUCACIONAL: vivências e aprendizagens.....	9
2.1 Caminhos trilhados rumo à Universidade.....	9
2.2 Caminhos trilhados durante a graduação em Pedagogia.....	14
2.3 Refletindo sobre a importância do componente curricular Estágio	
Supervisionado.....	19
2.3.1 Experiência vivenciada no Estágio em Gestão.....	21
2.3.2 Experiência vivenciada no Estágio em Educação Infantil.....	22
2.3.3 Experiência vivenciada no Estágio Supervisionado em Ensino Fundamental.....	27
2.4 Apreciações referentes ao componente curricular Área de	
Aprofundamento.....	32
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
4. REFERÊNCIAS.....	35

1. INTRODUÇÃO

As reflexões que ofereço neste Memorial estão relacionadas a fatos significativos que aconteceram no decorrer da minha trajetória educacional. Momentos vivenciados que jamais serão esquecidos, pois as aprendizagens adquiridas ao longo dessa caminhada só me fizeram amadurecer pessoal e profissionalmente, tornando-me, assim, uma pessoa mais crítica e consciente do meu papel na sociedade.

Foi a partir dos anos de 1990 que o gênero memorial tornou-se uma prática usual na formação docente, consolidando-se como prática corrente para a obtenção do diploma de graduação em curso superior de diversas universidades no Brasil (PASSEGI e CÂMARA, 2008, p. 5).

Atualmente, a escrita do gênero acadêmico Memorial de formação se constitui num instrumento do trabalho de conclusão do curso de Pedagogia da UFCG. Trata-se de “um sistema de avaliação fundada na escrita autobiográfica”. (op. cit). Porém, o que se avalia no memorial “não é a vida de quem narra, mas sua capacidade para selecionar e analisar os eventos significativos”. (PASSEGI, s/d) Sendo assim, escrever sobre minha própria vida é reviver memórias boas e ruins que vivenciei durante minha vida educacional, mas cheia de significados.

De acordo com Passegi (2008) o caráter literário denominado de memorial

pode ser definido como um gênero acadêmico autobiográfico, por meio do qual o autor se (auto) avalia e tece reflexões críticas sobre seu percurso intelectual e profissional, em função de uma demanda institucional. O interesse de sua narrativa é clarificar experiências significativas para a sua formação e situar seus projetos atuais e futuros no processo de inserção acadêmica e ascensão profissional (PASSEGI, 2008, p.120).

Esclarecer neste memorial minhas experiências significantes não será tarefa fácil, pois, em se tratando da categoria de escrita literária denominada de memorial, falar de mim mesma é fazer uma autorreflexão do que fui, do que sou e do que pretendo ser como pessoa e futura pedagoga. Os meus erros, meus acertos, meus medos, minhas frustrações, minhas conquistas, enfim, tudo que vivenciei serviu de aprendizagem e contribuiu para o meu crescimento pessoal e profissional.

A partir do momento que me percebi com sujeito responsável pela minha própria história, busquei aproveitar ao máximo cada oportunidade que a vida me ofereceu e, estar concluindo o curso de Pedagogia na Universidade Federal de Campina Grande - UFCG é o resultado de mais uma grande escolha que fiz na minha vida.

Os fatos que marcaram minha vida, que eu considero relevantes para constar neste memorial estão divididos em partes, quais sejam: a) minha trajetória escolar; b) trajetória acadêmica durante a graduação; c) participação no projeto de extensão e d) experiências vivenciadas nos estágios em Gestão, Educação Infantil e Ensino Fundamental. Por fim apresentarei minhas considerações finais elencando a importância de lembrar momentos tão significantes em minha vida.

2. MEMÓRIAS DA TRAJETÓRIA EDUCACIONAL: vivências e aprendizagens

A escrita deste memorial me fez voltar ao passado trazendo lembranças de uma longa trajetória de vida escolar. Este me fez reviver em minha memória coisas boas e ruins. Fatos marcantes que merecem ser lembrados e os que não foram tão bons os quais gostaria de esquecê-los, mas, com uma única certeza: tudo que aconteceu e acontece em minha vida, acredito que é permissão de Deus e só contribui para o meu crescimento e amadurecimento, seja pessoal, espiritual e/ou profissional.

2.1. Caminhos trilhados rumo à Universidade

Será apresentado um pouco da minha trajetória escolar ao longo da minha vida antes de ingressar na Universidade. Caminhos cheios de dificuldades, lutas, empecilhos, barreiras, mas principalmente alegrias, conquistas, sonhos e esperança de poder realiza-los.

Oriunda de uma família humilde, pais agricultores e pouco escolarizados, sete filhas para educar, porém, pessoas honestas que, apesar de não ter tido a mesma oportunidade que tive de estudar, sempre acreditaram que é através da educação escolar que conseguimos ter êxito na vida. Por isso, com todas as dificuldades meus pais conseguiram, superando muitos obstáculos, nos dar uma boa educação, a mim e às minhas seis irmãs.

Morávamos na zona rural e todas as minhas irmãs estudaram no Grupo Escolar Maria Menezes, localizado no Sítio Jucazinho de Aroeiras, cidade onde resido até os dias atuais. Não tive a oportunidade de estudar na referida escola, pois devido à falta de profissional e um número reduzido de alunos fecharam-se as portas da escola, razão pela qual os alunos tiveram que ser transferidos para escolas na cidade. Sendo assim, meu primeiro ano, matriculada oficialmente em uma escola foi em 1993, diretamente numa primeira série, pois gostava muito

de brincar de escolinha com minhas irmãs e assim adquiri com elas algumas noções de leitura e escrita.

Convivíamos num lugar muito simples, onde não tinha energia elétrica mais éramos muito felizes, unidas e aproveitamos muito a nossa infância. Brincávamos de casinha, de boneca, de escolinha, e eu sempre fazia questão de ser a professora.

Durante minha infância fui uma aluna dedicada, obediente, não costumava faltar às aulas, realizava todas as atividades. Porém, tive que driblar durante todo o tempo algo que sempre me incomodou e ainda me incomoda: a timidez. Lembro-me de um episódio em que a minha professora da primeira série me convidou na secretaria, me apresentou à diretora e outros funcionários e solicitou que eu realizasse a leitura de um pequeno texto em voz alta e diante de todos. Fiquei muito envergonhada e não o fiz, pois algo parecia prender minha garganta de tal forma que eu não conseguia dizer uma só palavra. O objetivo da professora era que todos pudessem ouvir e ver que eu já sabia ler e por isso tinha condições de adiantar uma série escolar, ou seja, caso eu tivesse realizado a leitura iria para a segunda série. Eu tinha consciência das minhas condições de realizar aquela leitura, porém, a timidez, o medo, a insegurança me fez continuar na primeira série, com oito anos de idade.

Permaneci no Grupo Escolar Maria Margarida da Conceição durante todo o Ensino Fundamental I, sempre apresentando um bom desempenho e enchendo meus pais de orgulho, principalmente minha mãe que para ela a educação sempre foi prioridade nas nossas vidas.

Como já citei anteriormente, devido a nossa situação financeira minha mãe relata que quando minhas irmãs mais velhas começaram a estudar ela não podia comprar os uniformes e os materiais escolares, então pedia aos políticos, só não podia deixa-las fora da escola. Ela fez o possível e o impossível para nos educar e, se alguma de suas filhas, após adultas, não conseguiram dar o devido valor aos seus esforços por motivos diversos, jamais poderemos culpá-la de não termos tido oportunidade de estudar. Às vezes os vizinhos criticavam minha mãe falando que ela era metida, só queria ser rica, porque queria que as filhas estudassem a todo custo, mas ela nunca deu ouvidos, não se importava com comentários alheios, simplesmente focava no que realmente acredita: educação. Educação esta que não adquirimos só na escola não, pois desde cedo ela nos ensinou princípios e valores que levaremos para o resto das nossas vidas. Por outro lado eu também recebia muitos elogios, e até os dias atuais algumas pessoas se referem a nós (filhas) como “meninas educadas, inteligentes, respeitosas”, enfim, somos o orgulho da nossa mãe, com todos os nossos defeitos e qualidades.

A maioria das minhas irmãs casou cedo demais abandonando os estudos. Atualmente tenho apenas uma irmã formada, três terminaram o ensino médio e duas estão no Rio de Janeiro sentindo na pele a falha que cometeram abandonando os estudos tão cedo, pois hoje trabalham o dia todo e à noite fazem supletivo para poder concluir o Ensino Médio, objetivando melhores oportunidades de emprego já que inúmeras vezes lhes bateram as portas pelo simples fato de não possuir este grau de escolaridade.

Acredito que tudo na vida tem um propósito e, apesar de não ter trabalhado nos melhores empregos, a nossa vida ganhou um novo sentido quando minha irmã mais velha casou e foi morar no Rio, pois ela nos ajudava financeiramente, suprindo algumas necessidades básicas. Posso afirmar que, como filha mais nova, enfrentei muitas dificuldades, sim, porém tive uma vida mais tranquila em relação às minhas irmãs.

Após concluir o Ensino Fundamental I, pela manhã, numa escola municipal, passei a estudar à tarde na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio de Aroeiras, atualmente conhecida como Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Deputado Carlos Pessoa Filho, onde cursei o Ensino Fundamental II. Concluindo o nono ano deste nível de ensino, fui morar em outra cidade, pois uma das minhas irmãs ganhou nenê e precisava de alguém para ajuda-la durante certo período.

No início não gostei muito da ideia, mas não me restava outra opção. Tive medo, afinal de contas eu era uma adolescente e iria morar numa cidade onde não conhecia quase ninguém, ficar longe dos meus pais, dos meus amigos, enfim, era o começo de uma nova fase na minha vida. Lembro-me que no primeiro dia de aula, numa aula de História a professora pediu aos alunos que descrevessem em poucas linhas o que significava história para cada um de nós. Nossa! Parecia uma atividade tão simples, mais na minha cabeça não, aquilo me perturbava, pois eu pensava que a professora não ia gostar do que escrevi e ia me fazer um monte de perguntas diante da turma, até então desconhecida pra mim. Para minha surpresa, aconteceu o contrário, pois quando a professora leu os meus escritos, elogiou e falou que era a melhor resposta até então recebida. Pode parecer um episódio bobo para expor neste trabalho, mas aquele comentário me deixou mais segura para continuar naquela escola onde ainda não tinha amigos. Aos poucos fui me acostumando, fazendo amizades, me relacionando bem com os professores. Estava gostando muito da nova fase.

Transcorridos um ano, voltei pra minha cidade de origem, Aroeiras, onde daria continuidade aos meus estudos na única escola estadual do município, porém, a escola havia sido

reformada e com isso houve um atraso no término das aulas e conseqüentemente no início do novo ano letivo. Atendendo a um pedido meu, minha avó juntamente com algumas irmãs decidiu pagar uma escola particular para que eu pudesse continuar sem que houvesse atraso nos estudos. Passei então a estudar o segundo ano do Ensino Médio, no Centro de Desenvolvimento Educacional, porém, por pouco tempo, apenas um semestre. Foi uma rica experiência, na qual adquiri novos conhecimentos, novas vivências, professores maravilhosos e amizades duradouras.

Nesse período de tempo, minha irmã mais velha conseguiu um emprego e me chamou mais uma vez para morar com ela e, como havia gostado da cidade e me apegado muito ao meu sobrinho, pois convivi com ele desde os primeiros meses, não pensei duas vezes e voltei para Itatuba, cidade onde fui acolhida com muito amor e vivi grandes momentos.

Mais uma vez eu estava estudando na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Rodrigues de Ataíde.

Concluí o segundo semestre do segundo ano e o terceiro ano completo na supra referida escola. Foram muitos momentos valiosos e inesquecíveis que vivi naquela instituição, naquela cidade. Acredito que amadureci muito naquele lugar, vivi muitas aventuras, porém sempre com muita responsabilidade, pois, sempre levei comigo os princípios que minha mãe me ensinou e o fato de estar longe dos seus olhos, não me deixou levar por caminhos desonestos.

Em 2003, após concluir o Ensino Médio, fizemos uma festa de formatura, onde a turma se reuniu pela última vez, pois após esse momento cada um segue caminhos diferentes. Infelizmente não saiu exatamente como havíamos planejado, pois o local onde realizamos a festa não tinha uma estrutura adequada para comportar todos os formandos caso houvesse algum imprevisto. Aconteceu que no dia da nossa formatura caiu uma forte chuva e não havia lugar suficiente para colocar as mesas e ficou um pouco tumultuado, mas no final deu tudo certo, conseguimos nos divertir.

Lembro-me também do meu bom desempenho nas aulas de Matemática e Física e recebia muito incentivo da turma e também do meu professor de Matemática para prestar vestibular para o curso de Licenciatura em Matemática. Pensei, pensei e decidi fazer meu primeiro vestibular. Infelizmente, não passei, ou felizmente, talvez. Fiquei um pouco frustrada e não continuei tentando outros vestibulares.

Passados três anos, voltei para casa dos meus pais. Sentia-me um pouco vazia, pois além da falta e da saudade que sentia do meu sobrinho também não estudava e tinha poucas ocupações ou quase nada, pois não trabalhava. Após seis anos fora da escola não me sentia preparada e nem estimulada para tentar vestibular novamente.

Certo dia estávamos sentados à mesa eu, minha mãe, minha irmã, que cursava Pedagogia e o meu cunhado, que cursava Serviço Social e conversávamos sobre estudos, perspectivas, faculdade. Eles me perguntaram se eu não tinha interesse de fazer vestibular novamente e mais uma vez falei dos meus medos e demonstrei claramente minha insegurança, mas foi justamente naquela tarde que aquelas pessoas me fizeram acreditar no meu potencial e me encorajaram a prestar vestibular mais uma vez. Eles me elogiavam tanto e falavam que eu tinha potencial que me convenci. Minha irmã pedagoga, formada pela UEPB, em minha opinião é uma ótima professora e sempre transmitia uma imagem boa da profissão, não fazia aquele “bicho” que costumam fazer alguns docentes, pelo contrário, sempre deixou claro o seu amor pelo trabalho que realiza. Posso afirmar que ela me inspirou na escolha do meu curso.

De certa forma desde pequena gostei de ser “a professora” nas nossas brincadeiras. Incentivaram-me também a fazer um cursinho para aprimorar os meus conhecimentos, afinal de contas foram seis anos fora da escola. Acatei a sugestão deles e como minha mãe já estava aposentada e podia me ajudar financeiramente, e minhas irmãs também contribuíram, optei por fazer um cursinho pré-vestibular. Fiz o intensivo, com duração de mais ou menos seis meses, no Colégio Alfredo Dantas. Foi muito útil o pouco tempo que estudei lá, pois além das dicas, sentia-me estimulada a estudar em casa também, revisando o que estudava no cursinho. Decidi então me inscrever em Pedagogia e para minha surpresa fui aprovada. Quase não acreditei quando vi o meu nome na lista dos aprovados, mas ele estava lá, sim, mais uma vez eu me surpreendia comigo mesma, acreditando que somos capazes e que não devemos deixar de arriscar por medo de não conseguir, pois essa certeza só tem aqueles que têm a coragem de ousar.

Cada degrau que galguei nessa longa caminhada me fez crescer um pouco mais e Deus sempre esteve comigo nas minhas lutas, e a única certeza que eu tinha, para tranquilizar mais uma vez os meus medos, é que o mesmo Deus que me ajudou a chegar até o momento, iria me ajudar nos cinco anos de faculdade que viria pela frente e por toda minha vida.

Nessa direção apresentarei minha trajetória de vida durante os caminhos percorridos na minha graduação em Pedagogia, ressaltando aspectos que considero mais relevantes para expor neste trabalho.

2.2. Caminhos trilhados durante a graduação em Pedagogia

Será relatado mais uma grande vitória sucedida em minha vida. E toda honra e toda glória é do meu Pai, que nunca me abandonou e jamais me abandonará.

Meu ingresso na Universidade Federal de Campina Grande – UFCG se deu no ano de 2009, mas precisamente no segundo semestre. Mais um grande passo era dado em minha vida e com ela vinha a certeza de que Deus estando no comando, mesmo em meio às dificuldades, eu iria conseguir ultrapassar a todas, pois os momentos difíceis sempre surgem, mas, é preciso buscar forças para superá-los.

Inicialmente foi um pouco complicado, pois tudo era muito novo para mim, tudo desconhecido. O tempo foi passando e aos poucos fui me adaptando àquele novo mundo. No que diz respeito à metodologia em sala de aula, não sentia muita diferença do Ensino Médio, pois as aulas eram muito semelhantes ao que estava acostumada. O professor ministrava suas aulas, alunos participavam, contribuía com suas experiências, outros não. Em contrapartida, as leituras eram muito complexas e o resultado das primeiras avaliações não correspondeu ao que eu pensava, pelo contrário, era desestimulante.

Durante minha trajetória escolar antes da universidade, sempre obtive bom rendimento escolar, porém, quando entrei na Universidade, a situação foi bem diferente.

Confesso que no primeiro período me sentia muito perdida e achava que aquelas disciplinas não tinham nada a ver com a profissão que eu havia escolhido, pois eu não conseguia fazer uma conexão entre as disciplinas e a profissão. Demorei três períodos para poder me situar e entender que estava certa do curso que havia escolhido e pretendia continuar até o fim. Durante os três meses foi um tormento, mas a partir daí senti-me apaixonada pelo curso de Pedagogia. Comecei a perceber que tudo estava interligado, que uma disciplina complementava a outra e, assim, continuo na minha trajetória acadêmica.

Todas as disciplinas são de extrema relevância para meu desenvolvimento intelectual, cognitivo e profissional, não existem aquelas mais ou menos importantes, apenas consegui me

identificar melhor com algumas e apresentei dificuldades em outras. Mais isto não foi empecilho para que eu tivesse desistido em meio à caminhada.

Falar de minha trajetória acadêmica é trazer à tona lembranças vivenciadas durante cinco anos em um lugar que jamais será esquecido, pois lá vivi coisas boas e coisas más que me fizeram refletir sobre a importância da minha profissão.

De acordo com Souza Neto, lugar refere-se ao

que está ligado à memória das pessoas, a sua vivência cotidiana, a história de vida, a realização material mais imediata, que são coisas que acontecem na casa em que se mora, nas ruas em que se anda, nos locais em que se brinca e onde se efetiva o trabalho, enfim, nos espaços em que se concretiza uma certa rotina. (SOUSA NETO, p.527 *apud* FARIAS, 2007, p.190).

Vale ressaltar que a rotina de uma faculdade não é nada fácil, pois por diversas vezes tive que abrir mão de momentos valiosos com amigos para dar prioridade às atividades da Universidade. Porém, nada foi em vão, pois os conhecimentos adquiridos seguirão comigo por toda minha vida.

Não deixarei de expor neste memorial minha participação no projeto de extensão da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG. Esta, talvez tenha sido uma das experiências mais marcantes e enriquecedoras na minha trajetória acadêmica.

a) Um passo mais que significativo na minha trajetória acadêmica

Um dos motivos que também me incentivou e me fez lançar um novo olhar sobre a UFCG aconteceu quando entrei no Programa de Bolsas de Extensão (PROBEX). Comecei a me sentir verdadeiramente uma “universitária”, pois até então existia um vazio e participar daquele projeto fazia com que eu me sentisse útil.

Até então eu não conhecia os projetos de extensão que a Universidade oferecia e quais os critérios necessário para que pudéssemos participar.

Certo dia estava na Escola Municipal de Educação Especial de Aroeiras (EMEEA) e me encontrei com uma professora da UFCG, a qual era coordenadora do projeto de extensão da supra referida instituição, intitulado de Formação Continuada de Professores de Surdos em Escolas Municipais de Gado Bravo e Aroeiras – PB. Posso afirmar que foi mais um anjo na minha vida. Ela me falou um pouco do projeto e da necessidade de uma bolsista para colaborar com as atividades do projeto e perguntou-me se eu não tinha interesse em participar

de tal projeto. Mais uma vez meus medos e minha insegurança recaíram sobre mim. Fiquei um pouco confusa e ela me deu um tempo para que eu pudesse decidir.

Minha musa inspiradora e irmã pedagoga, mais uma vez me deu a maior força para que eu pudesse participar do projeto e também me falou da importância e da grande oportunidade de crescer e adquirir novos conhecimentos. Os demais profissionais da escola também me incentivaram muito. Era a oportunidade de adentrar juntamente com o grupo numa nova cultura, a cultura dos Surdos.

Decidi e entrei no projeto, porém, como já havia iniciado às atividades nas escolas de surdos de Aroeiras e Gado Bravo, não participei de processo de seleção para concorrer à bolsa de extensão, ingressei como voluntária, pois o projeto dispunha de apenas uma bolsa e esta ficou com uma aluna que desenvolvia as atividades na Escola Municipal de Surdos de Gado Bravo (EMSGB).

A parceria com a UFCG também se estendia além das escolas citadas, pois havia na cidade de Aroeiras, alunos surdos incluídos na Escola Municipal de Ensino Fundamental II Jardirene Oliveira de Sousa - Aroeiras e com isso os profissionais desta escola também participavam do processo de formação continuada, e esta contava com outra voluntária que desenvolvia o trabalho que era cabível a cada uma das bolsistas (voluntária ou não).

O objetivo do projeto era desenvolver um trabalho colaborativo com os profissionais que trabalhavam nas referidas escolas que atendem a alunos surdos, tendo em vista a construção e desenvolvimento de propostas pedagógicas respaldadas na perspectiva do bilinguismo.

Para que o surdo possa adquirir os diversos conhecimentos e desenvolver seu pensamento é necessário que eles sejam inseridos num ambiente onde a maioria fale a mesma língua e, para que isso aconteça, eles devem estar inseridos na escola bilíngue desde a infância. Nesse contexto, Svartholm (2011) afirma que

bilinguismo desde a infância garantirá a participação ativa dos surdos na sociedade mais ampla, no futuro, em suas vidas: elas irão se desenvolver normalmente e, portanto, também viverão como um adulto normal, fazendo as mesmas contribuições para a sociedade que se espera de todos os outros. (SVARTHOLM, 2011, p.150)

O surdo só precisa das mesmas oportunidades que os ouvintes para se desenvolverem em todos os aspectos e, para que isso aconteça, é preciso que aprendam de forma natural sua língua materna, no caso dos surdos brasileiros, a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

Além do incentivo de algumas pessoas, não foi por acaso que decidi participar de um projeto que tinha como foco Educação de Surdos, pois há muito tempo, quando eu nem sonhava em cursar Pedagogia houve uma situação que me colocou em contato com a comunidade dos Surdos. Esta se caracterizou quando eu participava, aos domingos, de encontros com um grupo de surdos, alguns professores da rede municipal e outras pessoas que tinham interesse em participar. Estes encontros aconteciam numa igreja católica na cidade de Gado Bravo.

Alongando um pouco a narrativa desta experiência que antecedeu o meu acesso ao projeto do PROBEX, assumo que na verdade eu ia mesmo àqueles encontros só para passear e acompanhar minha irmã pedagoga. Eu era muito imatura e nem me passava pela cabeça a hipótese de um dia me aprofundar na área de surdez ou até mesmo vir a trabalhar com pessoas surdas, oportunidade em que, mesmo apresentando pouco interesse, eu me destacava na turma, pois apresentava acentuada habilidade em aprender os sinais. Não lembro exatamente quanto tempo durou aqueles encontros na igreja com os surdos, mas lembro de que foi tempo suficiente para despertar em mim uma grande admiração pela capacidade de comunicação entre os surdos, utilizando uma língua que até então era desconhecida para mim, a Língua Brasileira de Sinais.

De acordo com Slomski (2010), por ser privada da audição, a criança surda necessita de uma língua diferente da dos ouvintes para se comunicar. Neste caso será através da “Língua de Sinais, de modalidade viso espacial que desempenhará todas as funções de uma primeira língua, isto é, o desenvolvimento psicossocial, linguístico e cognitivo” (SLOMSKI, 2010, p.41). Dessa forma, o surdo é capaz de expressar seus sentimentos e emoções através da Língua de Sinais e de aprender a língua portuguesa na modalidade escrita, considerada como segunda língua para os surdos.

De fato, após o término daqueles encontros, o tempo passou e pouca coisa aconteceu no que diz respeito ao contato com pessoas surdas ou estudos na área de surdez, até que finalmente ingressei no curso de Pedagogia e, conseqüentemente no projeto de extensão da Universidade Federal de Campina Grande, PROBEX.

Participar de tal projeto foi uma experiência extremamente rica, pois além do crescimento pessoal e acadêmico, possibilitou-me a oportunidade de adquirir conhecimentos na área de surdez, pois uma das metodologias utilizadas no projeto era a participação de momentos para discussão de estudos teóricos metodológicos sobre educação e ensino de surdos, respaldada na perspectiva do bilinguismo.

Dentre o aprendizado que obtive durante aqueles momentos discursivos, Behares ressalta que, pessoa com surdez é

aquela que, por portar um déficit auditivo, apresenta uma diferença em relação ao padrão de normalidade esperado, e, portanto deve construir uma identidade em torno desta diferença para se integrar na sociedade e na cultura, na qual, nasceu”. (BEHARES, 1993, p.20 *apud* SLOMSKI, 2010, p.40)

Conhecer sobre surdez e cultura surda era mais um desafio estimulante na minha vida acadêmica e cada vez que aprendia sobre tal cultura sentia mais necessidade de adquirir domínio em relação a língua de sinais para que a comunicação entre mim e as pessoas surdas pudessem fluir cada vez melhor.

Dentre as atividades inerentes ao projeto, eram realizadas observações nas salas de aula, com as quais aprendi muito com os profissionais da escola e através do contato direto com os alunos surdos da instituição. Eu fui bem recebida pelos professores e também pelos alunos, pois colaborava com propostas pedagógicas e confecção de materiais utilizados nas aulas. As observações eram socializadas em encontros com os integrantes do projeto, na Universidade, onde acontecia uma rica troca de experiências e novos conhecimentos eram adquiridos.

A interação face a face que era mantida com os surdos fazia com que meu vocabulário de sinais fosse aumentando cada vez mais e aos poucos fui conseguindo me comunicar melhor com eles, tarefa nada fácil, pois alguns eram muito pacientes e outros me deixavam falando só. Aprendi muito com os surdos e continuo aprendendo.

Todas as instituições parceiras são importantes e dão sua contribuição no que diz respeito à Educação de Surdos, pois para que estes sejam realmente incluídos é preciso que sejam reconhecidos e respeitados, cabendo aos profissionais da área buscar cada vez mais inovar suas práticas educativas e para que isto aconteça, as Universidades oferecem grandes contribuições através de trabalhos extensionistas.

A participação no projeto me proporcionou momentos de grandes reflexões, pois as atividades não se restringiam apenas às observações em sala e discussões teóricas na Universidade, pelo contrário, possibilitou-me também a participação em minicursos, palestras, oficinas, congressos, seminários, cursos de formação continuada, todos em parceria com a UFCG. Além do conhecimento, outro ponto positivo foi a quantidade de certificados adquiridos ao longo do curso, apresentando uma carga horária suficiente para atender a um dos pré-requisitos estabelecidos pela Universidade, para que possamos concluir o curso com sucesso.

Também tive a oportunidade de participar do curso de extensão em Braille. Esta era mais uma das atividades do projeto de extensão promovido pela Universidade Federal de Campina Grande em parceria com o Instituto dos Cegos de Campina Grande.

Com isso posso afirmar que me sinto apta para receber os mais diferentes tipos de alunado no decorrer da minha profissão e devo isso aos meus professores e a minha inserção no PROBEX, que foi extremamente relevante na minha graduação. É obvio que sempre buscarei participar de cursos de formação continuada durante a minha atuação profissional, reconhecendo que essa busca é de suma importância, pois precisarei estar atenta às mudanças que acontecem no âmbito educacional para executar bem o meu trabalho.

2.3. Refletindo sobre a importância do componente curricular Estágio Supervisionado

O estágio supervisionado faz parte da constituição curricular em todos os cursos de Licenciatura tornando-se obrigatório aos alunos que se encontram em formação para a docência. O curso de Pedagogia constitui, portanto um meio de vivenciar a ação docente a partir dos estudos sobre Gestão, Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental, formação que compõe o nosso curso.

Assim, a prática torna-se essencial no processo de formação de qualquer indivíduo, sobretudo no meio acadêmico. Sendo assim, o estágio é um momento de fundamental importância, uma vez que possibilita conhecer e analisar aspectos e situações vivenciadas no exercício da profissão docente.

Como afirma Pimenta e Lima (2009, p.33), “o curso nem fundamenta teoricamente a atuação do futuro profissional nem torna a prática como referência para a fundamentação teórica”, ou seja, para se ter uma boa prática, subentende-se que o profissional passou por uma boa formação acadêmica, na qual aprendeu que a teoria e a prática seguem juntas, que “a teoria é indissociável da prática”. (PIMENTA e LIMA, 2009, p.34). Pensando nisso, julgo ser de grande relevância ter essa consciência para que nós, formandas do curso de Pedagogia, atribuamos o devido valor à nossa formação.

No contexto do curso, o estágio alia-se ao olhar da pesquisa porque é por meio dessa prática que, inicialmente, temos a oportunidade de refletir a nossa ação como educador e,

consequentemente, as respostas apresentadas pelos educandos. Respostas estas que aparecem de várias formas, ou seja, na interrogação, na reflexão, na problematização, nas curiosidades, no cumprimento de tarefas e, outras. De acordo com Pimenta e Lima,

a pesquisa no estágio como método de formação de futuros professores, se traduz, de um lado, na possibilidade de pesquisas que permitam a ampliação e análise dos contextos onde os estágios se realizam; por outro, e em especial, se traduz na possibilidade de os estagiários desenvolverem postura e habilidades de pesquisador a partir das situações de estágio, elaborando projetos que lhes permitam ao mesmo tempo compreender e problematizar as situações que observam. (PIMENTA e LIMA, 2009, p.46).

De acordo com as autoras eu percebo que a prática também colabora para o desenvolvimento de determinadas posturas e habilidades, as quais são necessárias na ação pedagógica, ou seja, é preciso que o professor reflita sobre o processo de interação professor-aluno, sobre o seu comportamento e suas atitudes em sala de aula, pois as ações do professor influenciam as ações dos alunos. Sendo assim, é importante vivenciarmos a experiência do estágio para refletirmos o nosso fazer pedagógico, a partir do que observamos.

Estudos (HORN, 2004; OLIVEIRA, 2010), demonstram que nos dias atuais, algumas mudanças são perceptíveis, desde a estrutura física às novas concepções metodológicas para o trabalho com as crianças. Atualmente há uma maior preocupação com o espaço em que as crianças estão inseridas e, principalmente com a formação dos profissionais uma vez que essas mudanças vêm acontecendo lentamente. Mesmo assim ainda pode ser percebida uma carência da compreensão de educadores sobre a importância do espaço físico das instituições escolares.

Dessa forma, em relação à formação contínua do educador, vários autores, a exemplo de Pimenta e Lima (2009), discutem que o curso de graduação é um marco inicial dessa formação, devendo ser continuamente desenvolvido mediante processos de educação permanente, ou seja, além da formação básica, o professor deve participar de cursos de formação continuada.

Nessa direção apresentarei aspectos relevantes da vivência nos três estágios: Gestão, Educação Infantil e Ensino Fundamental nos anos iniciais, focando a discussão em momentos e elementos que julgo importante no âmbito educacional, especialmente como se deu a regência nos diferentes momentos.

2.3.1 Experiência vivenciada no Estágio em Gestão

A experiência vivenciada no Estágio Supervisionado em Gestão foi de extrema importância na minha formação, pois possibilitou-me conhecer um pouco de como está organizada a gestão no município da cidade de Campina Grande- PB, bem como alguns problemas enfrentados pelos gestores de algumas instituições. Este conhecimento se deu através de uma entrevista realizada com um destes profissionais.

Com base nos estudos teóricos sobre gestão, fazendo um paralelo entre a teoria e a prática expressa por uma gestora entrevistada, pude também refletir sobre a concepção de gestor que pretendo adotar em minha prática, caso venha exercer tal função.

Reconheço que a cada dia o tema da gestão escolar ganha mais notabilidade no cenário pedagógico, de modo que crescem as pesquisas na área, os cursos de aprofundamento e especializações. As pessoas estão cada vez mais tirando o foco que antes se centrava basicamente no professor, enquanto principal sujeito educativo nas escolas, e começam a perceber e analisar a importância da participação dos outros mediadores como funcionários e pais, tornando-os responsáveis, juntamente com os demais profissionais, pelas tomadas de decisões enfrentadas na escola direcionando os caminhos que devem seguir.

Os problemas da educação básica no Brasil têm sido alvo de preocupação, sendo visto como um dos mais graves entraves para a solução de muitos problemas sociais existentes. A partir dos anos 90, do século passado, com as reformas educacionais, implantou-se, no Brasil, um modelo mercadológico de gestão, com base numa educação voltada para os princípios empresariais, que visam o lucro e a competitividade.

A escola é um espaço social que, ao receber o sujeito, deve investir de fato em democracia para que realmente o homem possa tornar-se cidadão crítico. O Estado tem o dever de garantir o funcionamento da escola com tudo que é necessário para a formação desse sujeito, assegurando o direito a uma educação de qualidade, pois é o que consta na Constituição Federal de 1988, no artigo 205, “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Dever que não cabe apenas ao Estado, mas também à família e à sociedade.

Foi uma rica experiência conhecer quem são e como atuam os profissionais da educação em nossas escolas, além de identificar aspectos relacionados à gestão, nestes locais formadores de

conhecimento e cidadania. Saber sobre o panorama nacional é importante, mas identificar os principais desafios e as perspectivas sob a ótica regional é muito mais interessante, pois diz respeito ao nosso convívio mais real e reflete na educação que temos para nossa cidade.

Em reflexo desta experiência, pude perceber os seus benefícios, no qual eu e o grupo de alunas estagiárias desenvolvemos uma aproximação ao que seria estar em contato com a gestão das escolas. Apesar do curto espaço de tempo disponível para a execução das atividades, por causa da greve que houve nas Universidades Federais, este trabalho me possibilitou obter novos conhecimentos sobre a gestão e as questões administrativo-pedagógicas de uma instituição, o que é de suma importância na nossa formação e futura atuação, inicialmente como estagiárias e posteriormente como professores ou gestores.

Pimenta e Lima nos atentam para o fato de que

um curso de formação estará dando conta do aspecto prático da profissão na medida em que possibilite o treinamento em situações experimentais de determinadas habilidades consideradas, a priori, como necessárias ao bom desempenho docente” (PIMENTA e LIMA, 2005, p. 9)

Acredito ser de suma importância todos os que se encontram num curso de licenciatura passar pela experiência de estágio, tamanha a significância e aprendizado que recebemos com todos aqueles que estabelecemos vínculos, nosso professor/orientador/supervisor, os alunos e colegas de estágio, cada um com seus ensinamentos a transmitir, que com certeza serão utilizados em nosso futuro profissional.

Foi uma experiência muito proveitosa, tratando-se de todas as partes envolvidas, mas ainda assim, não é possível visualizar como está compreendido o cotidiano dos gestores, na parte prática. Esta é a lacuna que existe no estágio em gestão. Não há como exercer de fato uma regência nesta área. Nossas ações se limitam ao conhecer e analisar documentos e alguns aspectos relacionados à função do gestor.

2.3.2 Experiência vivenciada no Estágio em Educação Infantil

No tocante a Educação Infantil, são inúmeras as mudanças que vêm ocorrendo no processo educacional e é necessário que os envolvidos nesse processo tenham uma formação de qualidade para que possam atender às novas exigências postas para a educação e os projetos

pedagógicos que vêm sendo construídos. Nesse sentido, as Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil (2010) traz uma reflexão acerca dessas mudanças, afirmando que

o campo da Educação Infantil vive um intenso processo de revisão de concepções sobre educação de crianças em espaços coletivos, e de seleção e fortalecimento de práticas pedagógicas mediadoras de aprendizagens e do desenvolvimento das crianças. (BRASIL, 2009, p.7)

Tomando como exemplo a escola que se constituiu no campo de estágio no qual atuei, julgo que esse processo de revisão de concepções está acontecendo em algumas das instituições de Educação Infantil. A escola campo de estágio, anteriormente referida, trabalha numa concepção pautada num sujeito que interage com o meio natural e social, transformando e ampliando seus conhecimentos adquiridos ao longo do processo de desenvolvimento.

Mesmo assim, embora haja uma forte mobilização, por parte da formação inicial e continuada de professores, sobre novas orientações mais atuais no trabalho com a Educação Infantil, alguns estudos (HORN, 2004; PIMENTA E LIMA, 2009) apontam a presença assistencial e higienista do trabalho.

Sabemos que tais tendências eram mais forte antes da elaboração da Constituição Federal de 1988, pois a Educação Infantil era pautada em métodos assistencialistas, ou seja, não havia muita preocupação com a formação dos profissionais. Com a constituição, a criança passa a ser vista com um novo olhar, com direitos a tratamento de cidadã. Mais do que hoje, antes a ênfase era dada a questões relacionadas ao cuidado e a higiene das crianças carentes, e os educadores não tinham formação pedagógica. (HORN, 2004; PIMENTA E LIMA, 2009).

De acordo com Horn os professores “tinham sua prática ancorada no fato de ter paciência, de gostar de criança, de não ter uma formação profissional, de ter um trabalho próximo às suas casas”. (HORN, 2004, p.14). Ou seja, os educadores não tinham as habilidades e competências respaldadas num fazer verdadeiramente pedagógico, mas, sim, baseavam-se no cuidar e no fato de “ter jeito com crianças”.

Estudos (HORN, 2004; OLIVEIRA, 2010), demonstram que nos dias atuais, algumas mudanças são perceptíveis, desde a estrutura física às novas concepções metodológicas para o trabalho com as crianças. Atualmente há uma maior preocupação com o espaço em que elas são inseridas e, principalmente com a formação dos profissionais sendo que essas mudanças vêm acontecendo lentamente. Mesmo assim, percebemos, ainda, uma carência da

compreensão de educadores sobre a importância do espaço físico das instituições de Educação Infantil.

Nessa direção apresentarei aspectos relevantes durante o período da minha intervenção, do tipo participante, numa creche do município de Campina Grande, na qual desenvolvi uma prática na área educacional e obtive novos conhecimentos sobre Educação Infantil, o que é de suma importância na minha formação e futura atuação, inicialmente como estagiária e posteriormente como professora.

a) A intervenção

Outro momento de extrema relevância na minha formação acadêmica deu-se quando realizei o estágio em Educação Infantil, pois adquiri muitos conhecimentos com a professora e, principalmente com as crianças.

Levando em consideração a faixa etária das crianças, dois e três anos, e a quantidade de alunos frequentes, nove a onze, em todo o tempo eu precisei estar atenta para lhes oferecer a minha intervenção mediadora. Ajudava na organização da rodinha de conversas, no momento de lavar as mãos, na hora do lanche e, principalmente no banho e arrumação das crianças. Tudo isso contribuiu de maneira significativa na minha carreira acadêmica, pois a minha atuação acontecia a todo tempo.

De acordo com Deslandes, “a técnica de observação participante se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos”. (DESLANDES,1994, p.59). Com base na ideia da autora entendo que a observação participativa se dá por meio de uma interação face a face com os sujeitos envolvidos no processo.

Como toda instituição tem suas organizações, na creche na qual estagiei não era diferente. Assim sendo, a cada momento vivenciado novas aprendizagens eram adquiridas. Um dos momentos que eu achava bastante interessante eram as rodinhas de conversas, pois tal atividade possibilita a troca de experiência entre as crianças e desenvolve a linguagem das mesmas.

Sobre isto, está previsto nas propostas curriculares das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, que as crianças devem vivenciar momentos que “possibilitem as

experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita”. (BRASIL, 2010, p.25).

Nas rodinhas de conversas os alunos têm a oportunidade de praticar sua oralidade, falando de seus familiares, do seu dia-a-dia e de inventar muitas histórias e isto é muito positivo, pois faz com que sua imaginação flua abundantemente.

Aprendi ainda neste estágio que, desde cedo, a criança pode e deve ter acesso às atividades que reforcem a importância da escrita para que elas possam perceber sua função social. Uma atividade bastante comum na creche na qual realizei meu estágio refere-se à chamada dos alunos, utilizando-se fichas com seus respectivos nomes. Tal atividade é importante, pois, além de propiciar contato com a escrita, o trabalho com o nome próprio remete à própria identidade do aluno.

Dentro desse contexto, Soares afirma que é interessante trabalhar com o nome próprio porque,

o nome próprio é um modelo estável; [...] é um nome que se refere a um único objeto, com o que se elimina para a criança, a ambiguidade na interpretação; [...] tem valor de verdade porque se reporta a uma existência, a um saber compartilhado por ambos, emissor e receptor [...]. (SOARES, 2010, p.65, apud, BARROS, 2001, p.1).

Esta autora me faz refletir sobre a importância das crianças manterem, desde cedo, contato com a escrita, até porque ela faz parte no nosso dia-a-dia e as crianças devem ser levadas a perceberem isto nas atividades vivenciadas em sala de aula. É interessante que, nesta fase de desenvolvimento em que a criança se encontra (dois e três anos) ela vivencie situações de interação com a escrita, de forma natural e não mecanizada, e que a fase de cada criança seja respeitada.

Um dos aspectos que me chamou atenção na rotina diária da creche é o momento da leitura de histórias infantis, pois as crianças se mostram muito interessadas nesses momentos e isso me fez refletir o quanto é importante vivenciar situações do tipo, pois despertará nelas o interesse e o prazer pela leitura, o que é de grande relevância quando se pensa na construção do sujeito leitor, pois é lendo que se aprende a ler (SOARES, 2010).

Outro aspecto bastante valorizado na creche e que pretendo adotar na minha carreira profissional, são as brincadeiras e isso é de grande importância, pois brincar é um elemento essencial na vida das crianças. A este respeito Horn é enfático quanto ao reconhecimento de que “é fundamental a criança ter um espaço povoado de objetos com os quais possa criar,

imaginar, construir e, em especial, um espaço para brincar”. (2004, p.19) Tal espaço deve ser devidamente planejado, respeitando as diferenças de idade, pois o desenvolvimento das crianças está intimamente ligado à organização do espaço e isto deve ser levado em consideração.

Segundo Oliveira (2010, p.127) “o brinquedo cria um espaço para realização de desejos, que não podem ser satisfeitos imediatamente na situação real, através de situações imaginárias de faz de conta, que emancipam as crianças das pressões situacionais”, por isso é tão comum percebermos as crianças imitando os pais, por exemplo. Elas são capazes de, por meio da simbologia, participar ativamente do seu desenvolvimento e isso se dá através da interação com o ambiente, com adultos e outras crianças.

Por meio desta experiência na creche aprendi a valorizar os momentos das brincadeiras e a intensificar o reconhecimento da importância de que nós educadores precisamos encorajar às crianças, ajudando-as a dar os primeiros passos para que elas possam adquirir segurança e autonomia nos diferentes brinquedos que ocupam os parquinhos das creches.

Reforçando, eu ressalto que é de extrema relevância que o espaço para as brincadeiras sejam amplos e variados, no tocante ao que se refere aos brinquedos, até porque a creche é um ambiente de construção de identidade dos sujeitos e requer uma ampla organização. E a creche na qual estagiei apresenta uma excelente estrutura física, visando sua utilização sob o propósito de prover um bom desenvolvimento social, afetivo e cognitivo às crianças que fazem parte daquela instituição de ensino.

Assim como defende a Constituição Federal, Oliveira afirma que “o direito à educação é atualmente reconhecido como um dos direitos fundamentais do homem e é consagrado na legislação de praticamente todos os países”, (OLIVEIRA, 2001, p.15) por isso, enquanto educadores devemos respeitar o direito de cada cidadão e que as crianças possam disponibilizar de ambientes propícios para o seu desenvolvimento no processo educacional.

Pude refletir nessas e outras ideias referentes à educação sobre o que seria este respeito ao cidadão. Em primeiro lugar, julgo que precisamos estar aptos a desempenhar a prática pedagógica e, para preparar o graduando para isso, uma das possibilidades que propicia esta preparação é a realização do estágio no curso de Pedagogia. Para Pimenta e Lima (2009), “o estágio curricular é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, esta, sim, objeto de práxis” (p.45). Ou seja, é através das nossas observações

participantes em sala de aula e demais ambiente da instituição que, enquanto graduandas somos estimuladas a refletirmos constantemente nas atitudes do outro, compreendendo e problematizando os aspectos que observamos ao longo do estágio.

2.3.3 Experiência vivenciada no Estágio Supervisionado em Ensino Fundamental

As informações que ofereço neste memorial são partes que estão relacionadas aos aspectos inerentes ao foco de estudo que definimos como ponto de reflexão da nossa regência, especificamente a que desenvolvemos em sala de aula, na Escolinha de Jesus¹ mais precisamente numa turma de terceiro ano do Ensino Fundamental.

A nossa regência aconteceu em uma semana, sendo que, anteriormente, estivemos em sala de aula para realizar observações e coletar alguns dados referentes à instituição. Dados relacionados à estrutura física, recursos humanos, materiais de consumo, pessoal, administrativo e docente. Esses dados não serão detalhados nesse texto, pois, já se encontram devidamente analisados em um relatório que foi elaborado em sala através do ajuntamento coletivo das partes elaboradas por cada um dos cinco grupos de estagiárias, sob a mediação da professora orientadora.

Decidimos, de forma democrática trabalhar a temática Literatura Infantil, objetivando oferecer uma mini demonstração de como o profissional pode fazer o uso da Literatura Infantil, atrelando-a ao ensino das diferentes disciplinas trabalhadas em sala de aula, levando em consideração o desenvolvimento do prazer de ler por parte das crianças.

Vale ressaltar que a nossa regência aconteceu em dupla, porém, as devidas apreciações referentes aos aspectos que consideramos relevantes, foram feitas individualmente.

Considerando os conteúdos que seriam ensinados à turma do terceiro ano, elaboramos os planos de acordo com o combinado em sala de aula, fazendo uso da obra literária João e Maria, atrelando às diferentes matérias e levando em consideração a temática Meio Ambiente, abordada pela escola campo de estágio.

¹ O nome Escolinha de Jesus é fictício para preservar a identidade da escola.

Na minha avaliação, realizar a regência sob o foco de utilizar a obra de João e Maria para ensinar a leitura e a escrita de textos, bem como todas as demais matérias, ainda ressaltando o tema Meio Ambiente foi uma experiência extremamente enriquecedora, pois além de perceber que é possível fazer uso da Literatura Infantil nas diferentes matérias, também possibilitou aos alunos compreender que o ato de ler, além de prazeroso, permite que o sujeito adquira diversos saberes nas mais diferentes áreas do conhecimento.

Enquanto aplicava atividades que permitiam aos alunos não só conhecer diferentes versões do conto João e Maria, mas, também, tomar consciência de que eles próprios são capazes de criar versões diferentes, atualizadas ao seu momento social e histórico, percebi neles (e em mim) comportamentos que expressaram prazer em criar e conhecer. Este fato já é cientificamente reconhecido, pois, de acordo com Azevedo

os livros de literatura são veículos da arte (...) a literatura está vinculada a noções como fantasia, o maravilhoso, o sublime, a analogia, a emoção, o riso, a metáfora, a paródia, o lirismo, a tragédia, a intuição, a aventura, o imensurável, o paradoxal, o desconhecido, etc. (AZEVEDO, 1999, p.86).

Dessa forma, trabalhar com literatura é fazer despertar no aluno sentimentos e emoções que vão além de sua imaginação.

Ao utilizar a Literatura Infantil, procuramos interagir com as crianças de modo que seus conhecimentos prévios fossem respeitados e expressados. De acordo com Zilberman (2005, p.12) “o leitor traz algum tipo de experiência, uma bagagem de conhecimentos que precisa ser respeitada, caso contrário se estabelece um choque entre quem escreve e quem lê rompe-se a parceria que só dá certo se ambos se entendem”. Ou seja, é preciso que haja uma identificação por parte do leitor com o texto lido para que, assim, a leitura possa fazer sentido na vida do indivíduo.

A experiência de trabalhar com a Literatura Infantil em sala de aula foi surpreendente, pois, além dos momentos de leitura, também propusemos períodos de diálogos sobre assuntos da atualidade, permitindo que os alunos expressassem suas opiniões, colocando-se como sujeitos construtores de suas histórias.

Considerando o que teoricamente aprendi sobre características mais gerais da prática de ensino das nossas escolas, apresento a reflexão de que há momentos em sala de aula que as leituras são feitas de maneira descontextualizada não permitindo uma reflexão dos conteúdos.

É preciso que haja uma troca de experiência entre professor e aluno e que as diversas interpretações destes possam ser expostas e valorizadas.

Ao falar sobre a importância e objetivo do uso de Literatura Infantil em sala de aula, Eco afirma que,

o texto de ficção (...) deve proporcionar ao pequeno leitor não só prazer, mas também uma autonomia, que o faça buscar por si só uma diversidade nas suas opções de leituras e habilidades para produzir leituras diversas, que contribuirão para a produção de conhecimento e para a formação de um leitor crítico. (ECO, 1971, *apud* SOUSA 2004, p. 83).

Sabemos que o ato de ler é imprescindível na vida de todo ser humano, mas é preciso que haja uma consciência por parte de nós, futuras pedagogas, da importância de que para ensinarmos a ler é preciso que estejamos preparadas para exercer tal função.

Autores revelam em seus estudos (BRANDÃO, 1997; SOUSA, 2000; SILVA, 1997) que há uma deficiência por parte de alguns profissionais no que diz respeito às atividades relacionadas ao ensino de leitura. Alguns professores alegam em seus discursos que não gostam de ler, que não têm tempo para ler ou até mesmo não têm o hábito de ler. Por isso alguns utilizam a leitura em sala de aula como simples passatempo ou para avaliar entonação, pontuação, ritmo adequado ou ainda leituras de conteúdos das matérias, sem nenhuma participação ativa dos alunos. Com isso, cabe a nós futuras pedagogas que desde já possamos nos interessar por leituras de obras literárias para que possamos desenvolver uma boa prática pedagógica, caso contrário, como vamos formar leitores se não adotarmos o hábito de ler?

Confesso que, antes da regência em sala de aula, na Escolinha de Jesus, eu estava muito apreensiva, pois ficava imaginando como as crianças iriam nos receber. Ficava me questionando o tempo todo: Será que vão nos obedecer? Será que vão realizar as atividades que propusermos? Será que vão fazer silêncio quando solicitarmos? Será que vão gostar da nossa intervenção? Essas foram as minhas inquietações antes da regência, mas, para minha surpresa foi um experiência com êxito.

De fato, o meu estágio em Educação Fundamental foi surpreendente despertando em mim um desejo maior em tornar-me uma pedagoga, pois estava acostumada a ouvir discursos de algumas colegas da Universidade mostrando-se frustradas com a experiência do estágio, chegando a afirmar que o mesmo era uma decepção, pois não conseguiam unir a teoria com a prática e que ambas estavam muito distantes.

Felizmente não foi essa a interpretação que tive da minha experiência, percebi crianças muito estimuladas e interessadas em seus estudos e nas diversas atividades que realizamos. Algo que também nos ajudou no momento de ministrar às aulas foram os planejamentos que elaboramos sob as orientações da nossa professora orientadora e assim as nossas ações fluíram com mais facilidade.

Vale ressaltar que dentre as aprendizagens alcançadas durante este estágio, elaborar planos de aula foi uma delas, já que o planejamento é um instrumento significativo no que diz respeito ao processo de ensino e aprendizagem, pois serve para auxiliar as nossas ações pedagógicas. Sobre este assunto, Padilha afirma que,

planejamento é o processo de busca de equilíbrio entre meios e fins, entre recursos e objetivos, visando ao melhor funcionamento (...) O ato de planejar é sempre processo de reflexão, de tomada de decisão sobre a ação; processo de previsão de necessidades (...) visando à concretização de objetivos. (PADILHA, 2001, p. 30, *apud*, SILVA, 2001).

Pensando nos objetivos que pretendemos alcançar em sala de aula, o ato de planejar torna-se uma tarefa extremamente importante, pois, desta forma estaremos traçando caminhos para um bom desempenho profissional.

Outro aspecto que vivenciei e o considero de grande importância é a relação dos profissionais da referida escola, pois eles nos transmitem a impressão de tratar-se de um grupo bastante cooperativo e de uma gestão bastante democrática.

Entendo que cada vez mais devemos buscar uma gestão democrática, aquela na qual o homem fortalece sua identidade de sujeito transformador da sociedade. Segundo Gracindo (2007), a gestão democrática é considerada como meio pelo qual todos os seguimentos que compõem o processo educativo participam da definição dos rumos que a escola deve tomar e da maneira de implementar essas decisões, num processo contínuo de avaliação de suas ações.

Algo que me chamou atenção na Escolinha de Jesus é o momento de reflexão realizado antes das crianças serem levadas pra sala de aula. Apesar de alguns criticarem, eu apoio tal atitude, pois acredito que, para que possamos nos tornar sujeitos mais humanos precisamos conhecer e ouvir a palavra de Deus e são poucos os que o fazem. Acredito ainda que as pessoas que conhecem a Deus são mais sensíveis e compreensivas e, em minha opinião, se a escola é responsável pela formação dos sujeitos não vejo problema algum na realização de momentos de orações nas escolas, pelo contrário, é extremamente importante se levarmos em consideração a realidade da sociedade em que vivemos.

Aprendi com essa experiência que o educador não deve, em sala de aula, ater-se apenas ao lápis e papel, mas utilizar-se dos mais variados materiais e estratégias, a fim de promover o desenvolvimento das crianças. Um episódio que aconteceu na sala onde realizei meu estágio que me chamou muita atenção foi quando propomos uma atividade de multiplicação, utilizando copinhos e pedrinhas. Naquela ocasião, logo as crianças se “lançaram” no chão com os cadernos e os demais materiais mostrando-se muito concentradas e empolgadas na atividade.

Dentro desse contexto, Horn afirma que “ao longo da história da educação, mais especificamente da escola, o que se observa é um espaço priorizado por mesas e cadeiras, onde se trabalha, de preferência, com lápis e papel”. (HORN, 2004, p.46). Sendo assim, eu concordo com a importância de que possamos ser o mais dinâmico possível em sala de aula para que os alunos apresentem um maior envolvimento no processo educacional.

A mesma autora supra referida ressalta ainda que “o espaço não deve ser apenas um lugar útil e seguro, mas também deverá ser agradável e acolhedor, revelador das atividades que nele as crianças protagonizam”. (op. cit.). Ampliando o sentido, eu ressalto que o ambiente também revela a concepção de ensino que cada educador se fundamenta, pois as nossas ações dizem muito ao nosso respeito.

As dinâmicas que realizamos em sala motivaram muito os alunos e isso me causou uma boa impressão, pois me revelou o quanto é importante inovar e renovar nossas ações pedagógicas em sala de aula. Percebi que é possível ensinar de forma prazerosa, por meio de dinâmicas que envolvam os conteúdos das diferentes disciplinas e, além disto, é possível fazer o atrelo destes conteúdos a livros de Literatura Infantil.

A experiência vivenciada nesse estágio possibilitou-me um olhar reflexivo no que diz respeito à importância de definir um foco para me orientar no que deveria observar no período que antecedeu minha regência. Antes da definição desse foco, me sentia um pouco confusa em relação ao que iria observar em sala de aula, mas, na medida em que este foi definido, tudo parecia mais claro em minha mente.

Além disso, a escrita do relatório do estágio em Ensino Fundamental elaborado em sala de aula, de maneira coletiva, foi uma experiência inédita durante minha trajetória acadêmica. Foi uma ação muito válida, pois vivenciei momentos de troca de conhecimento que contribuíram grandemente para meu desenvolvimento pessoal e acadêmico. As dicas ofertadas pela

professora e colegas de sala também colaborou de maneira significativa na escrita deste memorial. Por vezes acreditava que era perda de tempo construir em sala de aula aquele relatório, porém, agora reconheço tamanha importância e crescimento que tal ação me proporcionou.

2.4. Apreciações referentes ao componente curricular Área de Aprofundamento

Com relação à disciplina Área de Aprofundamento farei algumas reflexões que considero relevante expressar neste memorial. Apesar de ainda não ter cursado este componente curricular, acredito tratar-se de uma ótima oportunidade para nós futuros professores, pois nos possibilita um maior aprofundamento em determinadas áreas de conhecimento.

Em primeiro lugar, o que me inquieta é o fato de não podermos escolher a área que mais nos interessa, pois como está previsto, no Projeto Político do Curso, que a oferta se dá inicialmente pela disponibilidade de docentes para que este possa assumir a responsabilidade de ministrar tal disciplina. Ou seja, não somos nós, alunas e maiores interessadas, que optamos pela área que gostaríamos de obter maiores conhecimentos. Elas nos são impostas.

Reconheço a inviabilidade de dispor todas as disciplinas de aprofundamento em um mesmo período, porém, acredito que deveríamos ao menos ter a oportunidade de poder escolher a disciplina que mais nos interessa dentre todas as áreas que o curso disponibiliza, quais sejam: “Educação de Surdos, Linguagens e Diversidade, Política e Gestão Educacional, Educação do Campo, Educação de Jovens e Adultos, Psicologia Educacional, Tecnologias Educacionais e Educação Matemática, as quais são detalhadas a seguir, com justificativa e disciplinas componentes”. (Projeto Político do Curso de Licenciatura em Pedagogia, 2008, p.16).

Atualmente não estou cursando esta disciplina, mas o farei no próximo período. Há alguns dias a coordenação do curso me informou sobre três disciplinas que poderíamos escolher uma para cursá-la, sendo que, só serão ofertadas duas. Escolhi, dentre as possíveis, mas, infelizmente, vou cursar exatamente aquela que não me desperta tanto interesse, pois a de minha preferência não será ofertada no turno que tenho disponibilidade.

Minha sugestão é que pudéssemos, numa espécie de votação, escolher dentre todas as disciplinas.

Um dos campos que gostaria muito de aprofundar meus conhecimentos refere-se à Educação de Surdos, pois, além de trabalhar nesta área, desde que tive contato com sujeitos surdos, despertou em mim uma curiosidade e interesse por saber mais sobre a linguagem, cultura e como se dá o processo de aquisição da leitura e escrita dos mesmos.

3. Considerações finais

Uma vez concluída a elaboração deste memorial venho ressaltar que todo o conhecimento adquirido ao longo do curso é de grande importância na minha vida. Cada professor, cada disciplina, cada teórico estudado, minha experiência nos estágios e a minha participação no projeto de extensão contribuíram de maneira significativa para minha formação pessoal e profissional.

Dentre os diversos saberes adquiridos na minha formação acadêmica, através dos teóricos estudados, professores e colegas, eu percebi que ensinar vai além da transmissão de conhecimentos, que ser professor é criar possibilidades para que o aluno possa construir, transformar, indagar, questionar, pesquisar, tornando-se, assim, sujeitos críticos e reflexivos.

Vivenciar a experiência do estágio em gestão contribuiu grandemente para a identificação e análise dos principais desafios enfrentados por alguns gestores de instituições de educação básica, o que é de extrema relevância para nós pesquisadores, enquanto futuros profissionais desta área, pois caso venhamos nos tornar um gestor, já teremos uma noção do que iremos enfrentar pela frente.

Compreendi que o gestor precisa ter uma boa bagagem para exercer tal função, pois o processo que envolve o ensino e a aprendizagem é complexo, exige muitos saberes e deve ser executado por profissionais da área de educação.

Quanto ao meu estágio em Educação Infantil lembro-me que este me causou um grande encantamento, pois, nunca havia tido contato algum, em sala de aula, com crianças pequenas. Fiquei maravilhada em perceber a capacidade que estas têm de criar e fantasiar suas histórias e brincadeiras.

Apreendi que a escola não deve ser apenas um local seguro e acolhedor, mas, precisa atender outras necessidades propícias ao desenvolvimento da criança, pois esta precisa de espaço onde possa correr, brincar, jogar, desenhar e inventar de maneira natural e desafiadora.

Compreendi por meio da experiência vivenciada no estágio do Ensino Fundamental, a importância e necessidade de trabalhar com Literatura Infantil e percebi ainda que é possível fazer o uso desta atrelando aos diferentes conteúdos, tornando assim um trabalho estimulante e prazeroso.

Pude perceber que, dentre as instituições que efetivei os estágios, a maioria delas possui um bom acervo de livros de histórias infantis, porém, estes ainda são pouco utilizados pelos professores em sala de aula, exceto a escola que realizei o estágio em Educação Infantil.

Sendo assim, procuro lançar um olhar reflexivo a respeito da prática que pretendo adotar em sala de aula quanto ao uso de livros infantis com nossas crianças e através dessa reflexão poder melhorar a cada dia, pois, é pensando criticamente às nossas ações do presente que podemos melhorar a nossa prática futura. Aprendemos com os nossos e com os erros dos outros e isso nos proporciona crescimento.

Uma das inquietações apresentadas especificamente neste último período está relacionada ao fato das disciplinas Áreas de aprofundamento, Estágio em Ensino Fundamental e TCC serem cursadas no mesmo período, acarretando excesso de atividades.

Sabemos que todas as disciplinas são importantes e requer esforço e dedicação, mas, acredito que a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso requer muito tempo, pois precisamos revisar os teóricos na efetivação dos estudos, fazer as devidas análises das nossas investigações realizadas ao longo da trajetória acadêmica, bem como planejamentos, pesquisas e leituras, execução das regências e elaboração de relatórios inerentes às disciplinas de Estágios Supervisionados. Além de tudo isso, os planejamentos e a intervenção exigem muito empenho e cuidado, pois a regência é uma etapa de grande relevância na nossa formação e esta deixa marcas profundas tanto em nós (estagiárias) quanto nas crianças e demais envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

Acredito que desde o primeiro estágio deveríamos ser orientadas na elaboração do TCC já que partes da produção do mesmo estão atreladas aos resultados apresentados em cada estágio.

Apesar de não ter cursado Área de Aprofundamento neste período, percebo as angústias das minhas colegas de curso, tendo que dar conta desta e das demais disciplinas. Compartilho com elas as angústias, pois curso uma disciplina no período noturno e no diurno estou trabalhando, além de um curso extra. Toda essa rotina nos deixa assoberbada e com isso o nosso tempo fica um pouco comprometido impedindo-nos de desempenhar melhor os nossos

compromissos acadêmicos. Porém, mesmo com todas as dificuldades agradeço muito a Deus pela oportunidade de ter ingressado nesta instituição e conseguido superado todos esses entraves.

A escrita deste memorial trouxe à tona lembranças de um tempo cheio de desafios, obstáculos e principalmente de conquistas, pois, pude perceber que tudo que vivi na Universidade, dentro e fora dela, me fez crescer e tornar-me uma pessoa melhor. E o que sou hoje agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade de estar concluindo meu curso, aos meus professores e colegas, pela troca de conhecimento que vivenciamos e à minha família que sempre me incentivou e não me deixou fracassar em meio às tempestades.

Graças a Deus estou concluindo mais uma etapa e não pretendo parar por aqui, pois ainda nem concluí essa trajetória, mas já estou a um passo de entrar numa especialização e, melhor ainda, numa área que desejo me aprofundar: Educação de Surdos. Se Deus quiser essa oportunidade vai se concretizar.

4. Referências

RASIL. **Constituição da Republica Federativa do Brasil**. Brasil, 1988.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 5ª ed. 2010. Disponível em: <<http://bd.camara.gov.br>> Acesso em: 09/11/2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

CÂMARA, Sandra Cristine Xavier da. PASSEGI, Maria da Conceição. **O gênero memorial acadêmico no Brasil: concepções e mudanças de uma autobiografia intelectual**. Disponível em: <<http://www.gelne.org.br/Site/arquivostrab/1517-ARTIGO-GELNE-2012-SandraCXCamara-Passeggi.pdf>> Acesso em: 16/09/2014

DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FARIAS, Paulo Sergio Cunha. A alfabetização geográfica em questão: reflexões sobre a formação docente para o ensino de geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. In.: LEAL, F.L.Almeida, FARIAS, P.S.Cunha. **A formação do professor em foco: interfaces entre saberes e fazeres**. Campina grande, EDUFCEG, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GRACINDO, Regina Vinhaes. O gestor escolar e as demandas da gestão democrática: Exigências, práticas, perfil e formação. **Retratos da escola/ Escola de Formação da Conferência Nacional dos Trabalhadores em Educação** (Esforce) – v.3, n.4, jan./jun.2009 – Brasília: CNTE, 2007.

HIDALGO, Angela Maria. **Globalitarismo, Estado Mínimo e Gestão compartilhada: Estado, políticas educacionais e gestão compartilhada/ Antônio Bosco de Lima (org.); prefacio de Cleiton de Oliveira**. – São Paulo: Xamã, 2004. 144p; 21 cm.

- HILA, Claudia Valeria Doná. Ressignificando a aula de leitura a partir dos gêneros textuais. In.: NASCIMENTO, Elvira Lopes (org.). **Gêneros textuais: da didática das línguas aos objetos de ensino**. São Carlos: Editora Claraluz, 2009. 288 p.
- HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. Primeira constatação: a escola pratica mais exames que avaliação. In.: **Avaliação da Aprendizagem: componente do ato educativo**. São Paulo: Cortez, 2011.
- OLIVEIRA, Romualdo Portela de. O direito a educação. In.: **Gestão, financiamento e direito à educação: análise da LDB e Constituição Federal**. São Paulo: Xamã, 2001.
- OLIVEIRA, Zilma Moraes Ramos de (Org.). **Educação Infantil: muitos olhares**. 9 ed. – São Paulo: Cortez, 2010.
- PASSEGI, M. da C. Mediação Biográfica: figuras antropológicas do narrador e do formador. In.: **Memórias, Memoriais: pesquisa e formação docentes**. PASSEGI, Maria da Conceição, BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (org.). Natal, RN:EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.
- PASSEGI, Maria da Conceição. **Memorial de formação**. Disponível em: <<http://www.gestrado.org/?pg=dicionario-verbetes&id=118>> Acesso em: 16/09/14.
- PIMENTA, Selma Garrido. LIMA, Maria S. Lucena. Estágio e docência. **Revista técnica José Cerchi Fusari**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- SILVA, Expedita Pereira Leite da. **A importância do planejamento no contexto escolar**. Disponível em: <coordenacaoescolagestores.mec.gov.br> . Acesso realizado em: 24/08/14
- SLOMSKI, Vilma Geni. Definições e posturas. In.: **Educação bilíngue para surdos: concepções e implicações práticas**. Curitiba: Juruá, 2010. (p.25-58)
- SOARES, Danuza Estela Mendes. **Psicogênese da língua escrita: erros construtivos e implicações para as práticas alfabetizadas**. Campina Grande, 2010.
- SVARTHOLM, Kristina. MOURA, M.C. O bilinguismo sob o ponto de vista de Kristina Svartholm – Suécia. In.: MOURA, Maria Cecília et al. **Educação para surdos: práticas e perspectivas II**. São Paulo: Santos, 2011. (p.147-154)
- ZILBERMAN, Regina. Por onde começar? In.: **Como e porque ler a literatura infantil Brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. (pags.12-20).